

A PARÁBOLA DO POBRE E SUA ÚNICA OVELHA (2Sm 12,1-4)

William César de Andrade*

Na catequese aprendi como o rei Davi foi um homem dedicado a Deus, sua confiança no Eterno era tão grande, que mesmo o gigante Golias não teve forças para derrotá-lo. Não era sem sentido cantar junto com as outras crianças: “*quando o Espírito de Deus se move em mim eu luto como o rei Davi*”. De certo modo complementavam essa interpretação de Davi vários salmos, sua amizade com Jônatas e o fato de não ter matado o rei Saul, mesmo quando este o perseguia (1Sm 24; 26).

Não é muito diferente com os jovens que chegam às escolas bíblicas promovidas pelo CEBI. A etapa que trata da monarquia é para muitos deles também um momento de crise. O estudo de modo mais completo e menos idealizado dos textos, inevitavelmente, rompe o que se aprendeu na catequese.

Em momento algum da catequese se coloca que o caminho percorrido por Davi para tornar-se rei de Israel passou pela política e pelo uso da força militar contra seus inimigos. No dia-a-dia da maioria de nossas comunidades sequer é imaginável o que relata Storniolo e Balancin (1991) ao comentarem 2Sm 2,8–5,5:

“Após uma série de intrigas entre Abner e Joab, chefe do exército de Davi, Abner acaba sendo morto por este, deixando Davi completamente inocente da questão (3,22-39). Restava, porém, um empecilho: Isbaal, filho de Saul, continuava vivo e poderia reivindicar o trono e governar as tribos do Norte. O problema foi logo resolvido, pois Recab e Baana, soldados de Isbaal, o mataram e levaram sua cabeça a Davi (4,1-12). Com isso, ficava livre o caminho para Davi reinar sobre as tribos do Norte, unificando-as numa só nação (5,1-15)¹.

No que se refere ao processo de desconstrução dessa catequese, olhando a figura do rei Davi, em 2Sm 11–12 estão os textos que melhor indicam a distância entre o que aprendemos e uma compreensão mais crítica desse personagem no exercício do poder monárquico. De fato, a leitura atenta destes dois capítulos mostra ao leitor que não havia muita diferença entre ser rei em Israel ou em outro país no Oriente Antigo.

Os reis se consideravam os donos da terra (1Rs 21), detinham direitos sobre as famílias dos pobres, cobravam dízimos e trabalhos forçados – corvéias (cf. 1Sm 7, 11-17). A mesma coisa fizeram Davi e Salomão, bem como os demais reis que se seguiram à divisão de Israel em dois países (o Reino do Sul – Judá e o Reino do Norte – Israel).

* Membro do CEBI – Planalto Central, pesquisador do programa Memória e Caminhada das CEBs/UCO.

1. Storniolo, Ivo, Balancin, E.M. *Como ler os livros de Samuel* – a função da autoridade. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 38.

Enquanto monarquia centrada na arrecadação de tributos (impostos, taxas e dízimos) Israel vive o mesmo tipo de sociedade que havia nas antigas cidades-estados em Canaã e nos grandes impérios da época. Ter um rei era sem dúvida distanciar-se dos ideais que deram origem às tribos. Segundo um especialista:

“Com a implantação da monarquia israelita, emerge internamente em Israel o tipo de sociedade sufocada no período do tribalismo. No que tange a Israel, todo o período que vai do início da monarquia até o advento da dominação grega, na segunda metade do séc. IV aC, pode ser designado de ‘sociedade tributária’ ou tributarismo”².

A atitude criminosa de Davi é descrita nos mínimos detalhes no capítulo 11, e a crítica profética a esse comportamento foi feita por meio de uma parábola (2Sm 12,1-4). Utiliza-se uma linguagem da sabedoria judaica para apresentar de maneira irrefutável o abuso cometido pelo rei. Mas essa não foi a primeira vez em que um gênero literário não profético serviu para traduzir indignação frente a atitudes opressivas emanadas de reis, ou pretensos candidatos a essa função política em Israel. No apólogo/fábula de Joatã (Jz 9,7-15), as árvores declararam abertamente a inutilidade de se ter um rei, ficando apenas o espinheiro, que nada produzia, interessado em ocupar tal função.

Os leitores, independentemente de manejarem os instrumentos da crítica literária e dos estudos mais recentes sobre os livros de Samuel, e num conjunto mais amplo a OHD (Obra Historiográfica Deuteronomista³), podem vislumbrar a força teológica contida nessa parábola (2Sm 12,1-4).

1. A parábola do pobre e sua única ovelha

✓ *“E o Eterno enviou Natã a Davi, que veio a ele e lhe disse: Havia dois homens numa cidade – um rico e um pobre” (2Sm 12,1*).*

O encontro entre uma autoridade política, o rei, e uma autoridade religiosa, o profeta, não tinha nada de inusitado no Oriente Antigo. De fato há notícias que em diversos povos da região além dos sacerdotes também existiam adivinhos, astrólogos, necromantes. Contudo, a fala do profeta Natã começa de uma maneira pouco convencional, isso é, inicia-se como quem vai contar uma história, e os personagens são antagônicos no dia-a-dia: um deles é rico e o outro é pobre.

2. Reimer, Haroldo. Sobre economia no antigo Israel e no espelho de textos da Bíblia Hebraica, in: Reimer, Ivoni Richter (Org.). *Economia no mundo bíblico*. Enfoques sociais, históricos e teológicos. São Leopoldo: CEBI/Sinodal, 2006, p. 11.

3. Sem aprofundar o assunto, é interessante destacar que Konings, J. A historiografia de Israel nos ‘livros históricos’. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 71, p. 9, 2001, afirma: “Na Bíblia Hebraica, os livros Js, Jz, 1-2Sm, 1-2Rs constituem os ‘Profetas Anteriores’, seqüência chamada, pelos biblistas modernos, de ‘historiografia deuteronomista’, por ter sido redigida pela mesma escola de escribas que produziu também o Deuterônimo (Dt). O nome hebraico desta coleção revela o enfoque principal: a atuação e mensagem dos profetas em meio à vida política e social de Israel. Não os chefes e os reis, mas os profetas são os personagens principais.”

* As citações bíblicas foram todas retiradas da Bíblia Hebraica (ed. Sefer, 2006).

No meio popular, em que tantas vezes também lemos esse texto, ouvimos muitas vezes as pessoas dizerem: “a corda sempre arrebenta do lado mais fraco”, “o rico vai querer prejudicar o pobre”. Uma tensão se estabelece logo no início da parábola entre dois personagens que dificilmente teriam interesses em comum. O leitor de ontem, no tempo bíblico, e o leitor de hoje, nas nossas comunidades, são convidados a prestar atenção no desenrolar da narrativa.

✓ *“O rico tinha muitíssimas ovelhas e vacas” (2Sm 12,2).*

O homem rico, apesar de morar na cidade, tem sua riqueza construída a partir do campo, assim o demonstra o versículo ao afirmar que eram muitas as ovelhas e vacas. É um proprietário ausente de suas terras. Em Israel não era incomum que mesmo as famílias pobres tivessem um boi ou uma vaca, tendo em vista seu uso na preparação da terra para o plantio, e no caso das vacas o uso do leite e seus derivados. Contudo, muitas vacas e ovelhas supõem no mínimo que aquele homem rico fosse um latifundiário.

✓ *“...mas o pobre não tinha coisa alguma, senão uma pequena cordeira, que havia comprado e criado, e ela cresceu junto com ele e com os seus filhos; comia de seu pão, bebia de seu copo e dormia no seu colo, e era para ele como uma filha” (2Sm 12,3).*

Este e o próximo versículo estão no centro da parábola. Nele se descreve a situação em que vivia o pobre e a importância da única “riqueza” que lhe restava: a ovelha. Na tradição das tribos, quando ocorria o empobrecimento de uma família ou mesmo de um clã, a solidariedade tribal deveria garantir que nada lhes faltasse.

É interessante que na parábola há uma “humanização” da ovelha, pois ela é apresentada como parte da família. A ovelha tinha o necessário para viver (o pão), mas também tinha o afeto e a proteção (o colo). Enfim, a ovelha não era uma propriedade, era “como uma filha”.

Esta não é uma situação inusitada no meio camponês, e muitos de nós que vivemos no interior do Brasil em algum momento de nossa vida tivemos um porquinho de estimação, um galo ou mesmo um bezerro ao qual nos apegamos. Até mesmo numa novela recente uma personagem vivia “conversando” com sua pata.

O próprio rei Davi certamente nos tempos de juventude quando era pastor de ovelhas conhecia a vida dos camponeses de Israel, suas dificuldades e suas alegrias. De modo que o profeta toca em sentimentos e lembranças que eram comuns ao rei e ao povo de Israel.

✓ *“E veio um viajante ao homem rico, e este, ao invés de tomar das suas ovelhas e dos seus bois para guisar para o hóspede que viera a ele, tomou a cordeira do homem pobre e a preparou para o homem que viera a ele” (2Sm 12,4).*

O desfecho da parábola é dramático, mas não fora de propósito, pois muitas injustiças já foram cometidas e ainda estão sendo realizadas nos dias de hoje. Para cumprir um preceito importante em Israel – a hospitalidade – o rico, ao invés de utilizar-se de uma de suas vacas ou ovelhas, se apossa da única ovelha do pobre. Não se explica o

modo como ele tomou do pobre a ovelha ou se haveria alguma forma de indenização, ficando para o leitor claramente a idéia de que houve um furto.

A violência retratada no texto é claramente colocada, a ovelha tornou-se refeição de um desconhecido por um ato unilateral do homem rico, que expropria o pobre. Isso fica evidente na fala do rei Davi: “*Assim como o Eterno vive, juro que o homem que fez isto é digno de morte. E pela cordeira pagará o quádruplo, por ter feito tal coisa e porque não se compadeceu*” (2Sm 12,5-6).

É claro que ainda que fossem devolvidas quatro ovelhas para aquele pobre, isso não restabeleceria sua situação original, pois ali havia algo mais que uma relação econômica. Do mesmo modo o que o rei Davi fizera a Urias (colocando-o para morrer em combate) e a Betsabéia (se apropriando de seu corpo), não passava por uma mera compensação econômica. O que estava em jogo era o restabelecimento da Aliança com o Eterno e a conseqüente prática da justiça.

2. Indo mais fundo

A parábola (2Sm 12,1-4), como mencionamos anteriormente, está inserida num conjunto textual maior, que vai do capítulo 10 a boa parte do 12 (v. 5 a 24). Considerando-se aqui a própria sucessão ao trono, já que no v. 24 relata-se o nascimento de Salomão, filho de Betsabéia com Davi. Apesar de a parábola estar diretamente relacionada aos acontecimentos da vida privada de Davi, o horizonte em que os fatos ocorreram foi o do enfrentamento entre Israel e Moab, e deve ser visto como o risco de um escândalo em pleno esforço de guerra. Compartilhando essa idéia com Gilbert⁴ que afirma:

“Com efeito, o conjunto dos capítulos 10 a 12 vai nos fazer passar constantemente daquilo que chamamos a ‘grande história’ para a ‘pequena história’. Por outras palavras, o texto bíblico nos levará constantemente dos campos de batalha aos aposentos do palácio, pois, ao mesmo tempo em que Davi deve conduzir a guerra contra os amonitas, tendo por objetivo a derrota dos seus inimigos e a tomada da sua capital, ele vive uma aventura íntima: a sedução da mulher de um dos seus oficiais, Betsabéia.”

Escândalos não são incomuns nas cortes do Oriente Antigo, veja, por exemplo, o que aconteceu com os filhos de Davi em 2Sm 13 (o estupro de Tamar), como sequer são nos palácios e outros centros de poder na atualidade. Ainda estão vivas na memória mundial as relações sexuais de um presidente norte-americano com uma de suas estagiárias. A guerra com o Moab já não contava com a liderança militar do rei, o mesmo permanecia em sua capital e desocupado dedicando-se a outros assuntos: “*E aconteceu que, numa tarde, Davi se levantou de seu leito e se pôs a passear no terraço da casa real, e do terraço viu uma mulher que se banhava, e a mulher era muito formosa à vista...*” (2Sm 11,2).

A atitude de Davi – permanecer em ‘casa’ e ‘bisbilhotar’ a mulher do próximo – em nada condiz com a imagem idealizada desse rei, pois aponta para atitudes muito

4. Gilbert. P. *Os livros de Samuel e dos Reis*. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 37.

distantes do jovem guerreiro ou do poeta inspirado pelo Eterno. Uma leitura mais rigorosa do conjunto do texto nos leva a ver Urias como um homem fiel à aliança. Segundo Laffey⁵:

“A crítica literária salienta o contraste entre os personagens Davi e Urias. Este é não israelita, heteu, mas ele demonstra ser mais fiel do que o rei israelita. Davi aparentemente não teve escrúpulo nenhum de ter relações sexuais – mesmo com uma mulher que não era sua – enquanto seus soldados estavam no campo de batalha. Urias, permanecendo em solidariedade com os soldados, sacrificou o sexo, mesmo com sua esposa”.

Laffey também detalha algo que às vezes passa despercebido, principalmente por nós que vimos os filmes que romancearam a relação entre Davi e Betsabéia. Isto é, a mulher é também uma vítima em tudo o que ocorre:

“...o texto proclama a opressão de Betsabéia. Primeiro, é possível – e até provável – que ela foi levada contra a sua vontade; depois, ela ficou viúva devido às manipulações do homem que se tornará seu futuro marido; ademais, ela ‘devia ficar contente’ por se casar com seu raptor. O que é mais terrível é que muitos comentaristas não só deixam de entender que Betsabéia é vítima, mas ainda a denunciam como sedutora. Seu banho e sua beleza são apresentados como ‘explicações’ da atitude de Davi, como se tomar banho e ser bonita fossem de algum modo faltas que ela cometera. Ao contrário, a concupiscência e o egoísmo de Davi passariam por cima de tudo: sedução, manipulação e até mesmo assassinio”⁶.

Sempre houve muita desconfiança em Israel quanto ao volume de riqueza e de poder que o rei deveria ter. Ainda que a recomendação do Deuteronômio seja de origem recente (por volta do ano 500 a.e.c*), sua preocupação certamente acompanhou Israel desde o desmonte das tribos:

“Certamente poderás pôr sobre ti o rei que o Eterno, teu Deus, escolher; dentre teus irmãos porás rei sobre ti – não poderás pôr sobre ti um homem estranho, que não seja teu irmão. Somente não multiplicará para si cavalos, nem fará voltar o povo para o Egito para multiplicar cavalos, pois o Eterno vos tem dito: “Nunca mais voltareis a este lugar”. E não multiplicará para si mulheres, para que o seu coração não se desvie, e não multiplicará muita prata e ouro para si” (Dt 17,15-17).

Não se pode afirmar que Davi tenha sido um rei que tenha ostentado muito poder. Até mesmo os dados arqueológicos apontam para o reduzido tamanho de Jerusalém em sua época. Mesmo os casamentos arranjados são bem menos numerosos do que os efetivados posteriormente pelo seu filho Salomão. Mas ainda assim o olhar/desejo e posse do corpo de Betsabéia por Davi, ultrapassa e em muito os limites que a ortodoxia religiosa de seu tempo permitia. A condenação pública poderia significar um desastre

5. Laffey, A.L.. *Introdução ao Antigo Testamento*. Perspectiva feminista. São Paulo: Paulus, 1994, p. 160.

6. *Ibid.*, p. 161.

* Tendo em vista o diálogo religioso optamos por utilizar como forma de datação a.e.c – antes da era comum.

na frente de batalha e/ou um enfraquecimento do rei diante das oposições internas (Absalão – 2Sm 13–19; Seba – 2Sm 20).

A intervenção profética de Natã, fazendo com que o rei visse os crimes por ele próprio perpetrados, não pode ser também idealizada. Natã está na corte de Jerusalém, é reconhecido como profeta, sendo, portanto, uma figura de poder no complexo cenário do reinado de Davi e da própria história de Israel.

A monarquia nunca foi um consenso em Israel. Por isso desde as primeiras iniciativas de alguns grupos desejosos de que Israel adotasse uma centralização política, por meio da implantação da monarquia como forma de organização estatal, houve uma forte oposição de cunho tribal, centrada na idéia de que ter rei era voltar ao Egito, portanto, deixar de lado a memória libertadora do êxodo e as relações sociais igualitárias que haviam sido construídas em Canaã.

Nas escolas bíblicas do CEBI o texto de 1Sm 8 – os direitos do rei – pode ser considerado um clássico, bem como Jz 9 – o apólogo/fábula de Joatão, quando se trata da crise tribal e da implantação da monarquia. No desenvolver dos estudos, meio frustrados, os cursistas em geral constataam que os reis se estabelecem, com seus palácios e templos, exércitos permanentes e trabalhos forçados. Muitas vezes, sem que fique claro o que efetivamente implicava a nova política estatal. Aqui é conveniente seguir uma pista deixada por Gottwald⁷:

“A política estatal de transferir deliberadamente riqueza, da massa do povo produtor para uma classe parasita não-produtora, gerava não só um estrato de funcionários do governo, mas também estratos de comerciantes e proprietários empreendedores que, por meio de subvenções do governo e monopólios, obtinham riqueza e *status*”.

O empobrecimento em Israel durante a monarquia, na maioria das vezes foi fruto da perda da posse da terra (herança do Eterno), pela concentração fundiária, impostos excessivos e também porque os filhos e filhas eram retirados da casa para as guerras e/ou funções subalternas nos palácios das capitais. A parábola do pobre que tinha apenas uma ovelha não era estranha, pelo contrário era uma narrativa muitas vezes repetida pelos empobrecidos.

Mas, concretamente, o que Natã de fato deseja obter ao questionar as atitudes do rei Davi com essa parábola?

3. Natã, um profeta da corte

Que a corda arrebenta do lado mais fraco, isso o povo conhece há muito tempo. Por isso a morte de Urias, deixado propositadamente no lugar mais perigoso do campo de batalha, a mando de Davi (2Sm 11,15), não surpreende. Até mesmo o cinismo do rei quando recebe o relatório em que se informa a morte deste soldado (2Sm 11,25) parece pouco diante do fato público de que o rei agora tem uma nova esposa: “*Passado o pe-*

7. Gottwald, N.K. *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica*. São Paulo: Paulinas, 1988, p. 308.

riodo de luto, Davi mandou recolhê-la à sua casa, e ela tornou-se sua mulher, e lhe deu um filho. Mas isto que Davi fez pareceu mal aos olhos do eterno” (2Sm 11,27).

O que era até então uma intriga palaciana, um boato sobre uma nova amante do rei, torna-se fato público, e como tal precisa ser analisado no cenário político e teológico da época. Quer queira ou não, Davi desobedeceu a alguns mandamentos da Lei de Deus:

*“Não matarás. Não adulterarás.
Não cobiçarás a mulher de teu próximo” (Ex 20,13-14).*

Não há nenhuma notícia, pelo menos no texto bíblico, de que Abiatar, o sacerdote levita que acompanhou toda a vida política de Davi, o tenha questionado sobre esse fato. Tampouco Sadoc, sacerdote em Jerusalém para o culto ao Eterno, deixou registrada alguma opinião. Isso parece indicar que a questão era de importância secundária ou que a dependência política destes ministros religiosos para com Davi lhes impedia de assumirem publicamente uma posição de crítica ao rei.

É no ambiente de silêncio, diante dos crimes cometidos por Davi, que surge Natã enquanto possibilidade de resgate do sangue de Urias e da própria dignidade do corpo ultrajado de Betsabéia. É a isso que a parábola do pobre com sua única ovelha acena. Neste sentido, tem-se a impressão inicial de que Natã atua como um “goel”⁸ das duas vítimas da sanha de poder do rei.

Contudo, não se pode idealizar a figura do profeta Natã, pois sua trajetória profética se passa inteiramente na corte e estreitamente vinculada a Davi e seu filho Salomão. Foi esse mesmo profeta que deu aos descendentes de Davi seu maior trunfo: a promessa de que reinariam para sempre sobre Israel:

“e quando os teus dias estiverem completos e vieres a repousar com os teus pais, então farei levantar um da tua descendência, depois de ti, que sair das tuas entranhas, e estabelecerei o seu reino. Ele construirá uma casa ao Meu Nome, e firmarei o trono do seu reino para sempre” (2Sm 7,12-13).

Sua participação nos acontecimentos que ocorreram pouco antes da morte de Davi, e que resultaram na vitória de Salomão sobre Adonias (1Rs 1), foi decisiva e devidamente recompensada com funções administrativas para seus filhos: *“Azarias filho de Natã coordenava os governadores das províncias; Zabud bem Natã era ministro-conselheiro do rei” (1Rs 4,5).*

O profeta Natã é um homem de muito prestígio na corte de Salomão, por isso seus filhos estão em funções importantes. Este fato leva alguns estudiosos a acreditarem que as narrativas de 2Sm 11–12, bem como 2Sm 7, foram escritas à luz do reinado salomônico. Assim, era fundamental que Davi assumisse seus erros publicamente (o jejum, o deitar-se sobre a terra) e que sofresse o castigo por seus atos (a criança morre

8. Tradicionalmente a figura do goel está relacionada à defesa dos direitos sociais que uma pessoa, dentro de sua família ampliada (*mispahah*), viu serem agredidos e ela mesma não tem meios para obter a justiça. O *goel* é um defensor do direito dos mais pobres e sua atuação é fundamental para a continuidade da vida dos mais fragilizados socialmente.

pouco depois de nascer). O arrependimento do rei, para Natã é suficiente para o restabelecimento da justiça e a continuidade da dinastia com o filho seguinte de Betsabéia com Davi!

Gilbert⁹ sintetiza de modo adequado a figura de Natã:

“Personagem vivendo à volta de Davi, sua ação na intriga para escolher Salomão, em lugar de Adonias, o mostra, antes de mais nada, como cortesão, ou melhor, como político a serviço de uma facção ou de um partido. Sua função moral, por ocasião do adultério de Davi, confirmaria a influência profunda que faria dele íntimo do soberano e a voz da consciência de acordo com as exigências da religião javista. Enfim, o episódio da ‘profecia’ confirmaria a promoção literária e teológica da personagem ao nível das grandes testemunhas ou das grandes figuras que, com sua autoridade e com sua palavra, marcaram os grandes momentos da história de Israel. Nesse sentido Natã estaria substituindo Samuel ou mesmo Josué, na expectativa de Elias”.

4. Mas será que tudo acabou em pizza?

Na seqüência da parábola efetivamente há uma punição para o rei Davi, envolvendo suas mulheres:

“Assim disse o Eterno: Eis que levantarei da tua casa o mal sobre ti, e tomarei as tuas mulheres perante os teus olhos, e as darei ao teu próximo, o qual se deitará com as tuas mulheres à luz deste sol, porque tu o fizeste em oculto, mas Eu farei esta coisa perante todo o Israel e à luz do sol” (2Sm 12,11-12).

De fato, durante a revolta liderada por Absalão o rei Davi não foi capaz de garantir a segurança das mulheres de seu harém. Absalão, visando atingir o prestígio do rei junto ao povo e consolidar seu movimento revoltoso, *“veio às concubinas de seu pai, às vistas de todo o Israel” (2Sm 16,22).*

Um rei incapaz de proteger suas mulheres, também será considerado inepto na manutenção das alianças políticas e na condução do próprio Estado. Isso será perfeitamente perceptível na impotência de Davi diante de Abisag – uma jovem, virgem, que foi dada ao rei para “aquecê-lo” em sua velhice (1Rs 1,3-4). Quando Adonias se apresenta como candidato à sucessão monárquica, um de seus gestos é solicitar a Betsabéia que Salomão – já indicado por Davi como seu sucessor – lhe conceda o direito de posse de Abisag (1Rs 2,17s). Foi desse modo que Salomão entendeu o desejo expresso por Adonias: *“E por que pedes a Abisag, a sunamita, para Adonias? Pede para ele também o reino, porque é meu irmão maior, para ele e para Abiatar, o sacerdote, e para Joab filho de Sárvia” (1Rs 2,21-22)!*

Ainda como parte da condenação ao adultério, o filho da relação espúria entre Davi e Betsabéia não sobrevive à primeira semana de vida. De nada adiantam o jejum e os outros gestos penitenciais adotados por Davi. A morte da criança curiosamente li-

9. Gilbert, P. *op. cit.*, p. 43.

berta Davi para dar continuidade à sua vida (2Sm 12,20), inclusive retomando todas suas funções reais. Completando a cena, Davi aguarda o fim do luto de Betsabéia pela morte de seu marido para levá-la como uma de suas mulheres.

O profeta Natã parece ter compreendido que a justiça fora restabelecida (a criança morreu, a viúva ficou amparada e o que era um erro moral privado se tornará de conhecimento público). Não cabia nenhuma ruptura com a promessa dinástica (2Sm 7), sendo inclusive legítimo abençoar o primeiro filho legítimo da união entre Davi e Betsabéia: *“E Davi consolou Betsabéia, sua mulher, e veio a ela e se deitou com ela, e ela deu à luz um filho, e chamou o seu nome Salomão, e o Eterno o amou, e mandou, através do profeta Natã, dar-lhe o nome de Amado do Eterno, por causa do amor do Eterno”* (2Sm 12,24-25).

A continuidade da dinastia davídica com o reinado de Salomão e os demais reis em Judá, até o cativeiro da Babilônia (587 a.e.c), indica que a força de contestação da opressão, presente na parábola do pobre e sua única ovelha, se perdeu, não resultando em mudanças no comportamento de Davi ou dos reis que se seguiram em Judá ou mesmo Israel (Reino do Norte). É certo que a parábola serviu para mostrar o quanto um rei pode errar, mas para os pobres que sofriam injustiças foram precisos novos gritos proféticos, gestos e parábolas para que efetivamente sua voz fosse ouvida. É isso que transparece na grande profecia do século VIII (Amós, Oséias, Miquéias e Isaías).

A centralidade do pobre afirmada na parábola não se perdeu, pelo contrário, continuará presente por toda a história do povo da Bíblia, e sua repercussão se fez sentir na prática de Jesus e no anúncio do Reinado de Deus.

5. Amarrando as pontas

Para os leitores atuais da parábola e do contexto em que ela foi conservada na memória de Israel, fica o gosto amargo de que as elites de Israel manipularam a Lei para que Davi não fosse apedrejado (pena aplicada para as pessoas que haviam sido flagradas em adultério). Natã enquanto profeta da corte cumpriu o papel de preservar a promessa dinástica, assegurou governabilidade e tornou-se um dos personagens mais importantes na própria sucessão de Davi. Não importava, portanto, o tamanho do escândalo, o rei e a lógica do estado se sobrepôs à morte de Urias e a usurpação do corpo de Betsabéia.

A parábola do pobre com sua única ovelha continua extremamente atual. Pode, inclusive, ser amplamente retomada em nossas comunidades, diante da concentração de riqueza, da corrupção em suas muitas formas, tais como os recentes casos de corrupção na vida política nacional. Na realidade permanecem, até hoje em dia, inúmeros instrumentos de expropriação e de silenciamento dos pobres, muitos deles legalmente constituídos. Existem muitas formas, pelas quais as elites políticas e econômicas retiram do pobre sua “única ovelha”. Infelizmente ainda existem poucos espaços onde o povo pode se organizar para impedir esses crimes e obter o restabelecimento da justiça.

Para as igrejas fica ainda mais forte o alerta de que devem continuar a serviço dos pobres. Isso implica em evitar alianças espúrias com pretensos “homens de Deus”, não

sacralizar o Estado e os que neles ocupam funções relevantes. Há sempre o perigo de que o sacerdote, pastor ou outra autoridade religiosa venham a gostar mais do prestígio, que gozam junto às autoridades, do que manterem-se fiéis à sua missão. O que Comblin¹⁰ diz vale para os movimentos sociais e também para as igrejas:

“Os pobres estão aí, não podendo ser escondidos – apesar das muitas tentativas nesse sentido. São demais. Estão aí e existem. Já não podemos esconder essa realidade. Sabemos que, no evangelho, para Jesus, essa existência é o pecado básico da humanidade. Não é fatalidade, má sorte, necessidade natural. A pobreza dos pobres está diretamente ligada à riqueza dos outros que não querem partilhar”.

Enfim, a sabedoria popular preservou a memória de um pobre e sua ovelha, como também, aquela que contava sobre um pregador itinerante que morreu numa cruz romana. A fé na ressurreição deu novo significado a tudo o que Jesus fizera junto aos pobres, a partir de sua realidade sofrida, mas ainda assim carregada de utopias, sonhos e práticas libertadoras. A leitura bíblica popular não deve esquecer-se disso, nem mesmo das mediações que foi construindo ao longo da história recente das lutas dos pobres em nosso continente.

William César de Andrade
Quadra 16 conjunto C casa 09
73050-160 Sobradinho/DF
Fone: (61) 35912647
Email: williamc@ucb.br

10. Comblin, J. *Quais os desafios dos temas teológicos atuais?* São Paulo: Paulus, 2005, p. 15.